

CONHECIMENTOS CONTÁBEIS DAS MULHERES SERTANEJAS: Um estudo de caso da gestão de uma Associação agroecológica

Tatiana Frey Biehl Brandão¹
Janice Rodrigues Placeres Borges²

Resumo

Apesar de a contabilidade ser pouco utilizada no ambiente rural, os agricultores familiares necessitam de controles eficientes que garantam uma adequada gestão das diversas atividades desempenhadas. Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar as formas de utilização dos instrumentos de gestão contábeis e financeiros empregados no cotidiano das agricultoras sertanejas para o manejo das práticas socioprodutivas na Associação de Mulheres ‘Resgatando Sua História’. Para a realização deste estudo de caso os dados foram coletados por meio de observação direta, anotações em diário de campo, fotodocumentação e realização de 12 entrevistas semiestruturadas gravadas. Conclui-se que as associadas apropriaram-se das ferramentas contábeis-financeiras de gestão e as utilizam em suas distintas atividades diárias. Assim, o método de registros dos dados das atividades e a transparência dessas informações podem contribuir para a continuidade, tanto da Associação como de seus estabelecimentos rurais.

Palavras-chave: Gestão contábil-financeira, Associativismo, Agroecologia.

Introdução

Observa-se que para a Região Nordeste do Brasil a agricultura familiar possui uma relevante importância, haja vista que 50,08% do total dos estabelecimentos familiares existentes no Brasil estão nesta região. Além disso, 89,23% dos estabelecimentos rurais nordestinos são caracterizados como familiares. É neste ambiente, no Território do Alto Sertão sergipano, que se encontra a Associação das Mulheres ‘Resgatando Sua História’. Mais precisamente no povoado de Lagoa da Volta, município de Porto da Folha que detém uma população predominantemente rural, representando 63,33% da população total deste município (IBGE, 2010).

Esta Associação foi criada em 2003 e registrada em 2007, com o apoio do Centro Dom José Brandão de Castro (CDBJ) e da instituição Divina Providência. O objetivo inicial foi melhorar as condições de vida das famílias rurais e resgatar a autoestima das mulheres rurais. Visto que, segundo, Almeida *et al* (2008, p. 19), no âmbito dos núcleos familiares, principalmente as mulheres jovens “[...] se deparam com sérios bloqueios culturais para

¹ UFAL - Campus do Sertão / Unicamp - Feagri; tatianafbrandao@gmail.com

² UFSCar - Araras; janice@cca.ufscar.br

participarem dos processos decisórios sobre a gestão econômica das propriedades e se beneficiarem dos frutos do trabalho familiar em condições de igualdade com os homens adultos”.

Ainda, no âmbito das organizações coletivas, como no caso das atividades desempenhadas pelas associações, Faria e Faria (2006, p. 111) trazem alguns conceitos pertinentes ao tema, como o de economia social que “[...] refere-se a atividades econômicas caracterizadas pela gestão democrática e autônoma das organizações e pela primazia das pessoas sobre o lucro [...] já [...] o de Economia Solidária, entendido como um modo de produção e distribuição que se caracteriza por empreendimentos coletivos [...]”. Portanto, “[...] A idéia de economia solidária reflete assim a própria ação desses grupos locais na sua tentativa de autogeração de riqueza, ou seja, de tentativa de resolução das suas problemáticas sociais” (FRANÇA FILHO, 2002, p. 13-14).

Sendo assim, pode-se considerar as associações formadas e geridas por agricultores e agricultoras familiares como empreendimentos solidários. Deste modo, observa-se que o agricultor familiar que maneja o seu estabelecimento de forma agroecológica, pode vir a cooperar positivamente com a administração desses empreendimentos solidários, visto que a particularidade da multifuncionalidade exercida pelo agricultor agroecológico,

[...] contribui para a organização de uma lógica gerencial, advinda da agroecologia e balizada no princípio da sustentabilidade, que tende a tornar-se um elemento-chave para a organização de empreendimentos produtivos eficientes, integrados ao mercado e altamente dinâmicos e criativos, contudo, sem perder sua característica singular de primar pelas questões sociais e ecológicas, tanto quanto prima pela econômica [...] (BARBOSA, 2013, p. 237-238).

Neste sentido, as agricultoras agroecológicas pesquisadas, caracterizam-se neste estudo como agricultores(as) familiares tradicionais, que Wanderley (2010, p. 32) aborda como sendo uma categoria sem apoio que “[...] conta, como qualquer camponês, apenas, com suas próprias forças, de trabalhadores da terra [...] consideremos, para o que nos interessa aqui, como equivalentes, as categorias de agricultor familiar e de camponês”. Neste contexto, Brandenburg (1999, p. 211) explica que o empreendedorismo e a flexibilidade do “Ser agricultor” se expressa por meio de “[...] um profissional que é proprietário, trabalhador e ao mesmo tempo gerente de sua própria atividade”. Logo, é fundamental que os gestores conheçam as ferramentas contábeis e financeiras para administrarem os estabelecimentos, assim como, às organizações coletivas (ou empreendimentos econômicos solidários).

Para Roesler (2009, p. 67) “Nem sempre os objetivos definidos pelo agricultor familiar visam os ganhos econômicos [...] evidencia outras racionalidades que interferem nas práticas administrativas e na ação do agricultor familiar [...]”. Neste caso, pode-se considerar a abordagem de Wanderley (2010, p. 31) ao afirmar que a autonomia deste camponês resulta na competência de organizar o processo produtivo, e de assumir múltiplas atividades, o agricultor familiar tradicional surpreende, ao demonstrar o domínio de um saber-fazer, introduzindo “[...] em seu cálculo econômico as noções de planejamento e de orçamento que, são projeções sobre o futuro [...]”.

Neste sentido, segundo Santos (2005, p. 07), o reducionismo do conceito de renda apenas ao enfoque monetário e de mercado, se deve, também à falta de “[...] instrumentos metodológicos para a análise da realidade sob outra perspectiva, contribuindo para abstrair do debate e da tomada de decisões a questão dos modelos de desenvolvimento e projetos de sociedade [...]”.

Logo, esta pesquisa busca contribuir, através de uma discussão interdisciplinar, para o avanço do debate acerca da utilização das ferramentas contábeis e financeiras para a gestão de empreendimentos rurais, por meio da exposição dos instrumentos de gestão contábeis e financeiros adotados para as práticas socioprodutivas seguidas pelas integrantes da referida Associação de Mulheres ‘Resgatando Sua História’. Assim como, detectar o impacto do saber tácito, do saber técnico-científico ou a interação destes saberes para a construção, apropriação, utilização e disseminação dos instrumentos de gestão contábil-financeira empregados pelas associadas.

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma revisão da literatura sobre a temática abordada, além de análise dos dados referentes à pesquisa de campo realizada no segundo semestre de 2015, visto que, este é um estudo de caso realizado na Associação de Mulheres ‘Resgatando Sua História’.

Logo, esta pesquisa teve como público-alvo as 30 integrantes da referida Associação, sendo que 12 mulheres foram entrevistadas, pois as demais não tiveram disponibilidade para a realização da entrevista no período destinado à pesquisa de campo. Mas, pelo perfil diversificado e pelas falas coletadas, percebe-se que o número de associadas ouvidas na

pesquisa permite a análise das opiniões e percepções das mulheres que fazem parte da administração da entidade, bem como, a visão das fundadoras, além da percepção de integrantes mais recentes da Associação.

Os dados foram coletados por meio de observação direta, anotações em diário de campo, fotodocumentação e realização de entrevistas semiestruturadas gravadas. Para a realização das entrevistas foi utilizado um questionário previamente estruturado com questões abertas e fechadas. O roteiro de entrevista teve a finalidade de conhecer, dentre outras coisas, a percepção das entrevistadas sobre os instrumentos de gestão contábil-financeira adotados pela Associação, mas, também: (i) como ocorre sua definição e utilização; (ii) como se dá o seu processo de apropriação e utilização; e (iii) como é realizada a difusão entre estas agricultoras.

Com o intuito de coletar mais alguns dados, em um segundo momento, ocorreu uma conversa com a Coordenadora, com a Vice-Coordenadora e com a Tesoureira da Associação, com o objetivo de obter mais informações sobre o funcionamento da Associação e esclarecer algumas curiosidades provenientes das entrevistas realizadas anteriormente. Posteriormente, realizou-se, ainda, uma nova entrevista, direcionada especificamente à Coordenadora da Associação, com a finalidade de compreender alguns aspectos e mecanismos que foram identificados após a tabulação dos dados mencionados pelas associadas.

Estudo do Funcionamento do Controle Contábil-Financeiro na Associação de Mulheres ‘Resgatando Sua História’

Neste contexto, está norteadá a pesquisa referente aos instrumentos contábeis de gestão utilizados pelas integrantes da Associação de Mulheres ‘Resgatando Sua História’, que manejam seus estabelecimentos rurais com base nos preceitos da agroecologia, com a finalidade de administrar os recursos produtivos originários do Território do Alto Sertão sergipano. Neste sentido, procurou-se analisar as práticas de gestão adotadas na Associação, obtendo como resultado os dados apresentados a seguir.

Registros da Movimentação Monetária e Documental Realizados na Associação

O controle financeiro da Associação de Mulheres ‘Resgatando Sua História’ é de responsabilidade da tesouraria, para cumprir com esta finalidade, a atual Tesoureira descreve a

atividade de registro, deste modo:

Anoto num caderno de rascunho [...] alguma coisa que eu vou comprando, eu vou colecionando lá por data [...] e quando eu vou levar pro contador eu já tenho um outro caderno, que daí eu passo a limpo tudo direitinho por data, certinho, que quando a menina vai ‘coisar’ lá eu já boto até o recibo, a data do primeiro, do segundo [...].

Mas, além do registro dos desembolsos, saída de valores monetários do caixa da Instituição, cabe ainda à Tesouraria controlar e contabilizar a cobrança das mensalidades das associadas, consideradas uma fonte de receita para a Associação. Deste modo, a Tesoureira mantém uma folha de controle a parte, onde consta o nome de todas as associadas. Ela expõe que periodicamente realiza “uma chamada”, que serve para a conferência das informações antes de serem registradas no caderno. Logo, a Tesoureira registra em ordem cronológica, os valores referentes a todas as receitas da Associação (mensalidades e vendas referente à produção agrícola e não agrícola), apresentando o montante da receita mensal.

Todos os meses a Tesoureira leva os documentos e as anotações (controles elaborados por ela) para o contador, ela expõe que “Então eu fiz a minha contabilidade, no meu jeito [...] Tem lá, até com dois cadernos já preenchidos da data que [...] eu comecei a fazer [...]”. Esta associada conta, ainda, que é a encarregada por receber a documentação da Associação, no escritório contábil, “Ela diz assim: Maria [...], olha, eu nem tenho trabalho [...]”.

Através das falas acima, percebe-se a eficiência da metodologia adotada para a organização e o controle financeiro, pois toda a documentação necessária para o registro contábil chega ao escritório do contabilista de forma ordenada e em tempo hábil, contrariando Creapaldi (2012, p. 50) ao afirmar que

[...] o contador deve estar ciente que o produtor rural vem de longa data acostumado ou ‘impossibilitado’ de adquirir alguns conhecimentos que serão passados, o que se percebe nas organizações que se dedicam a essa atividade é uma contabilidade insuficientemente explorada quanto a seu poder de identificar, registrar, mensurar e possibilitar a análise dos fatos ocorridos.

Verifica-se assim, que os instrumentos de controle e registros utilizados pela Associação são eficientes e atendem às necessidades relativas à documentação e às informações necessárias para manter a escrituração contábil da Instituição. Assim como, percebe-se o comprometimento

da atual gestão em manter o registro dos atos e fatos administrativos atualizados, o que permite a utilização destas informações em tempo hábil à medida que expressa o compromisso com a transparência das informações econômicas e financeiras que permeiam a realidade das atividades exercidas pelas mulheres da Associação.

Ainda no que concerne à transparência das informações, cabe à Coordenadora da Associação em conjunto com a Tesouraria, realizar a prestação de contas durante a Reunião Ordinária mensal das associadas, visto que esta detém caráter deliberativo. Durante a prestação de contas é apresentado o saldo anterior existente no caixa, assim como, todas as entradas e saídas de caixa ocorridas no período e, por fim, é demonstrado o saldo atual, que está a disposição da Associação. Assim, nota-se que as agricultoras que fazem parte da atual gestão da Associação utilizam para o controle das contas da entidade o regime de caixa, conforme abordado por Crepaldi (2012) e Marion (2003).

No que tange a forma de como é realizada a exposição do fluxo de caixa na Reunião, a Associada 'B' conta que a Tesoureira “[...] apresenta o resumido aqui, quem quiser olha o caderno. Ai o fiscal é quem olha o caderno, vê os recibos e tudo”. O fiscal descrito na fala da associada refere-se ao Conselho Fiscal, formado por três associadas. A Tesoureira descreve que uma vez anotou tudo numa cartolina, pra deixar a prestação de contas exposta na sede da Associação, mas as associadas disseram que não precisava ter esse trabalho, que elas olhariam no caderno mesmo.

Verifica-se que o conhecimento referente aos procedimentos de registro e controles, não é exclusivo da atual Tesoureira, pois a Coordenadora participa da prestação de contas e outras entrevistas também demonstraram a noção dos procedimentos, conforme observou-se nas falas da Associada 'B'.

Instrumentos de Gestão Contábeis-Financeiros Adotados na Associação

Os dados obtidos pela pesquisa de campo demonstram a percepção das associadas no que se refere aos instrumentos contábeis utilizados para gestão. Através das informações verifica-se que todas as associadas têm ciência de que a Associação contrata os serviços de um profissional contábil, sendo que a grande maioria (11 associadas) afirma que o contabilista entrega os demonstrativos contábeis periodicamente à Associação.

Observa-se que nem todas as associadas conhecem, exatamente, quais os

demonstrativos são elaborados pelo contabilista e qual a periodicidade com que a Associação recebe estes demonstrativos, mas todas as mulheres entrevistadas reconhecem a atuação do profissional contábil. Estes fatos são interessantes de serem constatados no ambiente rural, ainda mais quando se trata de agricultoras familiares, visto que não encontramos dados como estes em outros estudos, que detenham como público pesquisado os agricultores familiares.

Sobre o conhecimento das associadas em relação aos instrumentos de gestão contábeis-financeiros e a percepção destas sobre quem prepara e apresenta estes instrumentos, constatou-se que a maioria das entrevistadas (nove associadas) afirma conhecer os instrumentos contábeis e financeiros utilizados para a gestão, enquanto que duas não informaram e uma respondeu que conhece o que é repassado nas reuniões. Segundo a Associada ‘B’ “[...] tem umas que conhecem, mas tem outras que tanto faz você falar [...]”. Portanto, apesar do desinteresse de algumas mulheres pelo tema em questão, nenhuma associada afirma não conhecer estes instrumentos de gestão.

Das associadas que afirmam reconhecer os instrumentos de gestão contábeis – financeiros: (i) seis dizem distinguir a Demonstração de Fluxo de Caixa; (ii) três afirmam conhecer a contabilidade de custos; (iii) duas responderam conhecer o Balanço Patrimonial; (iv) duas apontaram a planilha de orçamento; (v) uma das mulheres citou reconhecer a existência de um Livro no final do ano (no qual supõe-se que a associada se refere ao Livro Diário, o qual deve conter a escrituração anual da Associação); e (vi) por fim, uma das entrevistadas reconhece a prestação de contas e os projetos como instrumentos financeiros de gestão.

Pelas informações apresentadas no Quadro 4, constata-se que na percepção da maioria das associadas (oito entrevistadas) os instrumentos de gestão contábeis-financeiros são elaborados e apresentados internamente pelas responsáveis pela gestão da Associação, enquanto quatro associadas acreditam que estes são preparados e apresentados conjuntamente pelas coordenadoras e por membros externos à Associação.

Diante deste cenário, observa-se que todas as associadas incluem a participação das gestoras da Associação na elaboração e na apresentação dos instrumentos de gestão contábil, logo, nenhuma associada percebe esses demonstrativos como algo externo a instituição e sim como algo elaborado por elas. Ou seja, as associadas entendem os instrumentos de gestão contábil-financeiros como algo que pertence à Organização.

A pesquisa apontou, ainda, que as associadas acreditam que estes instrumentos refletem

a realidade econômica e financeira da Associação. Esta confiança pode ser reflexo da organização da instituição, assim como, da forma transparente e acessível de como estes dados são tratados pela gestão.

Outro aspecto inerente à gestão financeira, apontado pela Coordenadora foi que a Associação nunca solicitou financiamentos ou empréstimos bancários. Esta informação pode ser analisada como uma decisão das associadas, mas também, como um bem-estar advindo da opção das agricultoras por um sistema produtivo diversificado e independente de insumos externos, inclusive do sistema financeiro capitalista.

Construção dos Instrumentos Contábeis de Gestão

Os resultados da pesquisa demonstram como as ferramentas contábeis de gestão foram construídas pelas associadas. Observa-se que duas entrevistadas percebem que os instrumentos contábeis de gestão foram estabelecidos a partir do saber tácito das associadas, pois já vinham sendo utilizados pelas agricultoras ao longo do tempo, conforme pode-se observar na fala da Associada 'J' ao afirmar que estes foram construídos “através de reuniões entre agricultores”, a atual Tesoureira conta que o marido já tinha o conhecimento, trazido de outra Associação onde trabalhou muitos anos, “Já veio de casa. [...] Eu nem tive muito o curso, eu aprendi em casa, com meu esposo [...] ele foi quem fez isso tudo comigo e ainda hoje faz [...]”.

Sobre as fontes para a aquisição para construção das ferramentas de gestão pode-se destacar as evidências expostas por Brandenburg (1999, p. 220) ao afirmar que “Uma racionalidade maior, com o uso de registros e cálculos econômicos, também é observada entre aqueles agricultores que viveram a experiência com outras atividades econômicas” e também por Roesler (2009, p. 226) ao abordar que apesar da pouca utilização das ferramentas administrativas “As fontes de informações para as práticas administrativas são provenientes dos contatos com outros agricultores e nos mercados compradores, assim como com os parentes e vizinhos próximos [...]”.

A pesquisa aponta, também, que cinco entrevistadas percebem que os instrumentos contábeis de gestão foram construídos a partir do saber técnico-científico, pois, afirmam que o conhecimento foi adquirido através de um curso ofertado em 2006 ao grupo de mulheres no momento em que estas ainda se organizavam para a formalização da Associação. Enquanto outras cinco associadas percebem que estes instrumentos foram alicerçados a partir da interação

entre os saberes tácitos e técnico-científicos.

Segundo a atual Coordenadora (uma das fundadoras da Associação) as agricultoras sempre anotavam em cadernos os ‘custos’ e o que precisavam comprar, para assim controlarem os gastos e repassarem para as sócias. Mas, houve a necessidade de fazerem um curso para organizar melhor as contas da Associação. Outra entrevistada, a Associada ‘B’, explica que “Nós fizemos o curso, só que não ‘faz’ do mesmo jeito do curso, que era muito complicado [...], curso de contabilidade”. As irmãs da Divina Providência já realizavam a prestação de contas e elas continuam fazendo da mesma forma, lendo, explicando e disponibilizando os dados econômicos e financeiros.

Através do panorama exposto acima, observa-se que há um conjunto de saberes no que se refere à construção dos instrumentos de gestão contábil advindos, tanto dos conhecimentos tácitos das agricultoras, como da experiência repassada pelas irmãs que trabalhavam com o grupo de mulheres rurais e ainda do saber técnico, formal, visto que as fundadoras da Associação (sete das atuais associadas) participaram de um curso de contabilidade.

A respeito do anseio por qualificação técnica, Brandenburg (1999, p. 213) expõe que “A busca de um domínio do conhecimento técnico não significa abandono do saber e de instrumentos tradicionais [...]”. Assim, verifica-se que as associadas acabaram por adequar as técnicas adquiridas às necessidades da realidade local, assim como, as formas de divulgação à uma linguagem acessível. O que, segundo Paulo Freire (1983), pode-se chamar de conhecimento, esta mudança de atitude do camponês, pois houve uma ação transformadora da realidade através de uma reinvenção, ou seja, as associadas se apropriaram do aprendido aplicando e transformando a sua realidade.

Percepção das Associadas sobre a Apropriação e Utilização dos Instrumentos de Gestão

Procurou-se compreender a respeito do emprego e assimilação das ferramentas para gestão. Os dados demonstram que apenas uma entrevistada percebe que os instrumentos contábeis de gestão foram apropriados exclusivamente pelas primeiras associadas, pois esta entende que este conhecimento foi adquirido através de capacitação técnica formal das mulheres que acessaram o curso de contabilidade.

Por outro lado, a grande maioria das entrevistadas (11 associadas) entende que os instrumentos de gestão são conhecidos e utilizados por todas as associadas, algumas delas

complementam esta afirmação expondo que: (i) estes instrumentos são discutidos entre as diretoras e debatidos nas reuniões com as associadas, segundo a Associada ‘A’; (ii) crê que algumas associadas passaram também a se organizarem em casa, “quem vende sabe fazer” (Associada ‘C’); e (iii) além de serem conhecidos e utilizados por todas as associadas a diretoria sempre repassa as informações para as associadas, afirma a Associada ‘I’. Deste modo, é quase unanimidade entre as entrevistadas a percepção de que as ferramentas contábeis de gestão são conhecidas e utilizadas por todas as associadas. Esta constatação leva a crer que a apropriação dos conhecimentos induz a ascensão do capital intelectual das mulheres associadas.

Esta possibilidade pode indicar uma coexistência de capital social inerente aos processos de organização da associação, visto que de acordo com Maluf (2002, p. 247) “[...] são necessárias relações horizontais de cooperação, reciprocidade e ação coletiva, no caso, construídas com base em estratégias autônomas dos pequenos agricultores, que podem ser facilitadas pela existência do chamado ‘capital social’”.

Ferramentas de Controles Utilizadas

A pesquisa também demonstra que as associadas se valem de controles gerenciais nas atividades da Associação. Por exemplo, as Associadas ‘B’ e ‘C’ explicam que os instrumentos de gestão são utilizados pelas associadas, visto que estes são empregados na Associação para separar os percentuais das vendas que ficam para a Associação, assim como para determinar o montante pertencente a cada associada, de acordo com o controle dos dias trabalhados. Cabe salientar que as atividades produtivas da Associação são desempenhadas de forma comunitária pelas integrantes.

A Tesoureira descreve que as associadas são divididas por grupos de atividades produtivas, como por exemplo: o grupo das balas e o grupo das hortaliças, e cada grupo gesta os recursos empregados através de diversos controles: financeiro, produtivo, registrando os valores gastos na aquisição de matéria-prima e embalagens, os estoques de produtos para venda, a receita das vendas no período, assim como, a quantidade de dias que cada associada trabalhou, “[...], por exemplo, eu vou um dia e a outra vai dois dias é claro que ela vai ganhar mais do que eu [...]” (Associada ‘B’). Deste modo, é repassado para a Tesoureira os valores pertencentes à Associação, já descontados os custos e despesas de cada grupo.

Segundo a Tesoureira, antes da Reunião Ordinária mensal, cada grupo separa o

percentual da arrecadação estipulado para a Associação (30% da receita de venda das hortaliças e 10% da receita do mel, das balas, dos picles, dos doces e das geleias) e também distribui o valor a ser repassado à cada associada “hoje a gente só recebe os envelopes, mas a gente já sabe quanto foi que foi vendido, antes” (Associada ‘B’). As associadas que não participaram do processo produtivo, mas comercializaram os produtos, também recebem uma participação referente à receita arrecadada.

Portanto, percebe-se que os grupos têm total autonomia na gestão do seu trabalho, assim como, de todos os recursos empregados no processo produtivo. Com esta metodologia, todas as mulheres conhecem os controles e os aceitam, pois as associadas se apropriaram e utilizam os instrumentos de gestão, uma vez que todas tem contato com a organização interna de cada grupo. Esta experiência de controle apresentada para a gestão das diversas atividades desempenhadas por estas agricultoras familiares vai de encontro à maioria dos casos apresentados na literatura, como pode ser observado no relato de Roesler (2009, p.163), onde este expõe que “No que se refere ao controle formal [...] com o objetivo de auferir as despesas e receitas, em termos de anotações sobre quantidade de insumos utilizada, custos diretos e indiretos e valores resultantes da venda ou troca [...], a pesquisa [...] revelou que nenhum dos agricultores familiares do Tipo 01 pesquisados realiza este tipo de controle”, o autor intitula de Tipo 01 os agricultores familiares tradicionais – subsistência.

Neste sentido, observa-se que as associadas fazem um controle periódico tanto dos insumos utilizados na produção e da mão de obra empregada em cada atividade, assim como, da movimentação dos recursos financeiros de cada grupo de trabalho.

Visto a necessidade de conhecer a realidade da Associação, a pesquisa também aponta alguns resultados sobre a existência de controles relacionados aos estoques da Associação. Por conseguinte, todas as entrevistadas afirmam que a Associação utiliza controle dos estoques e 10 confirmam que estes controles são realizados manualmente. Para exemplificar a forma de controle de estoque existente, observou-se que a maior parte das entrevistadas (sete associadas) realiza as anotações em caderno, como expôs a Associada ‘C’, ao explicar que as anotações são realizadas no dia da produção.

Dentre os produtos que apresentam controle de seus estoques estão as sementes (citado por 11 entrevistadas); os Produtos *in natura* ou beneficiados (citados por nove entrevistadas); a produção de agroindustrializados (citada por oito das entrevistadas); além das Mudanças e dos Insumos que foram apontados, cada um por uma entrevistada.

Outro controle estabelecido pelas associadas é um livro para o registro das visitas recebidas na Sede da Associação ou na propriedade de alguma associada. Este controle não está relacionado à obtenção de renda, mas retrata a realização das atividades de intercâmbio, de turismo pedagógico e de pesquisas realizadas no âmbito da Associação.

Diante do elenco de ferramentas de controle utilizadas pelas agricultoras associadas, pode-se destacar a afirmação de Oliveira (2011, p. 101) de que “[...] em qualquer atividade desenvolvida em uma organização, é fundamental haver controles gerenciais contábeis que forneça informações confiáveis para o administrador tomar decisões [...]”.

Disseminação dos Instrumentos de Gestão

Neste contexto, a pesquisa, também procurou conhecer a percepção das entrevistadas a respeito de como se realiza a difusão dos instrumentos de gestão entre as mulheres da Associação. Deste modo, os resultados apontam que apenas três entrevistadas percebem que este conhecimento é transmitido por pessoas externas à Associação, conseqüentemente, este entendimento está relacionado à transmissão formal de conhecimento técnico-científico, como percebe-se na alegação da Associada ‘D’ ao explicar que as capacitações são ministradas por pessoas de fora da Associação, por exemplo.

Já a maioria das entrevistadas (nove associadas) percebe que os instrumentos de gestão são disseminados por pessoas internas à Associação, sendo transmitidos através das diretoras ou entre as associadas, principalmente, durante as reuniões. Sendo que cinco entrevistadas afirmam que as diretoras da Associação explicam os resultados para as demais associadas; outras duas associadas concordam com esta alegação, mas afirmam que este conhecimento também é repassado entre as mulheres.

Neste sentido, a Associada ‘E’ complementa que estas informações são transmitidas a todas as associadas durante as reuniões; e mais duas entrevistadas compreendem que as mulheres repassam este conhecimento entre as associadas, enquanto que a Associada ‘C’ completa informando que todas sabem fazer a prestação de contas do que venderam e a Associada ‘B’ fala sobre o controle do que foi vendido e produzido, afirmando que “A gente não vende a atravessador, só vende direto ao consumidor”.

Estes apontamentos refletem que a forma de propagação dos instrumentos de gestão se mostra eficiente à medida que se constata que as associadas compreendem e utilizam em seu

cotidiano laboral diversas ferramentas de controle, adequando-as à realidade e às necessidades das atividades produtivas rurais, à comercialização, assim como às atividades de gestão pertinentes à Associação. Portanto, corroborando com a afirmação de Brandenburg (1999) de que estes processos podem ser definidos como sendo típicos desses agricultores ‘sujeitos criadores de sua existência’.

Gestão da Transparência das Informações e a Continuidade das Atividades

Buscou-se, ainda, compreender a percepção das associadas em relação à gestão da Associação, identificando as preocupações e satisfações das mulheres. Neste sentido, algumas mulheres expuseram em suas narrativas um pouco de como ocorrem os processos de gestão adotados pelas associadas, assim a pesquisa verificou que a gestão é compartilhada, segundo a alegação da Associada ‘C’, e ainda pode-se contemplar na fala da Associada ‘B’ a explicação a respeito da existência de uma avaliação interna clara

[...] Porque tudo tem que ter avaliação. Se não tiver não ‘vamos se’ arrumar, [...] isso é uma coisa que nós ‘aprendemos’ e que é muito boa [...] por que às vezes eu posso ‘ta’ fazendo uma coisa que você não gosta, mas eu penso que tá bom né.
Ai se faz avaliação eu vou dizer, vou bater naquele ponto que você tá fazendo isso e eu não to gostando. E aqui nós somos muito claras com isso, com a avaliação.

Esta forma participativa, acessível e transparente adotada pelas administradoras da entidade pode estar contribuindo significativamente para que as associadas sintam-se satisfeitas com a atual gestão, visto que todas as entrevistadas alegam se sentirem, pelo menos, satisfeitas com a gestão da Associação.

Por outro lado, o principal motivo de preocupação das associadas, pode ser expresso na fala da atual Coordenadora “Porque a gente vai ficando de idade [...] É, e a gente não queria deixar que a Associação acabasse né”. As entrevistas demonstram que não há disponibilidade suficiente, das atuais associadas, para a manutenção das atividades desempenhadas na Associação, tanto no que se refere ao envelhecimento da força de trabalho quanto à aptidão e dedicação necessária para a manutenção das atividades de gestão da Instituição. Portanto, nota-se que as associadas se preocupam com a continuidade da Associação e com as próximas gestões.

Ainda no que se refere à continuidade da Associação, a pesquisa aborda a percepção das associadas sobre a contribuição da transparência das informações contábeis na trajetória da Associação. Segundo a fala da Associada ‘C’, reconhecer a realidade econômica e financeira da Associação é importante “[...] acho importante é a gente discutir e tem que passar isso, por que acho que se não passasse ela provavelmente não ‘tava’ hoje não. Por que você trabalha, você contribui, [...] o grupo todo tem que ter o conhecimento”.

O relato exposto acima pode ser percebido em números, visto que a grande maioria (11 entrevistadas) crê que conhecer a realidade financeira da Associação, através da transparência das informações contábeis, contribuiu para a continuidade da Associação, enquanto a Associada ‘H’ respondeu que não, mas afirma acreditar que a transparência interna das informações faz com que as associadas continuem as atividades comunitariamente.

Através da análise das falas e dos dados apresentados percebe-se que existe transparência das informações financeiras e contábeis da Associação, o que acaba por contribuir para um ambiente de confiança e para a percepção de honestidade dentre as associadas, o que vem a motivar a permanência das mulheres e a continuidade da Associação. Neste cenário, cabe salientar que segundo Leff (2006, p. 256-257), vai se construindo como parte dos fundamentos de uma racionalidade ambiental, entre outros, os direitos e o fortalecimento da capacidade das comunidades à autogestão “[...] de seus recursos ambientais para satisfazer suas necessidades e orientar suas aspirações a partir de diferentes valores culturais, contextos ecológicos e condições econômicas [...] e a autodeterminação tecnológica dos povos, com a produção de tecnologias ecologicamente adequadas e culturalmente apropriáveis [...]”.

É neste contexto, em que a agroecologia passa a comportar uma análise mais completa e interdisciplinar da realidade, na qual os agricultores familiares estão inseridos, permitindo também, que a academia demonstre a complexa gestão da realidade vivida pelas famílias camponesas, pois esta não é uma realidade contemplada na literatura existente na Ciência Contábil, por exemplo, onde em sua grande maioria, contempla-se estudos relacionados à visão hegemônica alicerçada na Economia de Mercado a qual tem a obtenção de lucro infinitamente crescente como meta a ser alcançada.

Para Paulo Freire (1983) é o momento para se debater interdisciplinarmente a capacitação técnica, tendo o homem como centro da discussão, desde que dentro do contexto de uma realidade cultural total. Diante deste contexto, Brandenburg (1999, p. 220-221) expõe que

[...] Sabe-se, porém que nos processos de avaliação de resultados como nos de gestão e planejamento da atividade agrícola os agricultores são herdeiros de um saber e de uma experiência de vida que se confunde com o próprio trabalho. Um trabalho que, conforme interpretamos, não constitui âmbito de domínio exclusivo da racionalidade econômica, mas que parece se submeter aos interesses pessoais, relacionados como o próprio sentido de seu projeto de vida.

Conclusões

Este trabalho procurou contribuir com os estudos sobre o emprego das ferramentas contábeis e financeiras de gestão aplicadas, de forma interdisciplinar, ao contexto das agricultoras familiares através do caso das integrantes da Associação de Mulheres 'Resgatando Sua História'.

Inicialmente, verificou-se que além de todas as associadas reconhecerem que a Associação contrata os serviços de um escritório de contabilidade, a maioria delas conhece os instrumentos contábeis e financeiros utilizados para a gestão da Associação. Constatou-se ainda que as gestoras controlam o fluxo dos recursos financeiros da Associação pelo regime de caixa, através de anotações em ordem cronológica, assim como a organização de documentos e comprovantes; e que as agricultoras associadas mantêm o controle dos insumos utilizados na produção, assim como da mão de obra empregada em cada atividade, além do estoque dos produtos acabados.

Assim, verificou-se que os instrumentos de controle e registros utilizados pela Associação atendem às necessidades documentais para a realização da escrituração contábil, de maneira a atender a legislação vigente e as normas do Conselho Federal de Contabilidade, mas percebe-se também que as agricultoras têm total autonomia da gestão das suas atividades, assim como, dos recursos financeiros movimentados na instituição.

Avaliou-se, ainda, que a forma da exposição da prestação de contas, que é realizada periodicamente, foi adaptada à realidade e às necessidades, sendo divulgada em uma linguagem acessível ao grupo de associadas, tendo como resultado a transparência das informações que atrelada à utilização de avaliações internas e ao modo de gestão participativa, acessível e transparente, adotado pelas administradoras da Associação influenciou positivamente para que as associadas dessem continuidade às atividades da Associação.

Observou-se também que os instrumentos contábeis-financeiros de gestão foram construídos (e apropriados) pelas associadas através da interação do conjunto de saberes tácitos

e técnico-científicos, visto que foram utilizados diversos conhecimentos tradicionais associados com o saber formal. As mulheres percebem os demonstrativos financeiros como algo elaborado por elas, ou seja, interno ao empreendimento e disseminados pelas atuais coordenadoras da Associação, mas também pelas demais associadas, principalmente, durante as reuniões.

Deste modo, a maneira como vem sendo conduzida a propagação dos instrumentos de gestão se mostra eficiente, já que as associadas compreendem e utilizam em suas atividades cotidianas diversas ferramentas de controle.

Avalia-se que as associadas se apropriaram das técnicas e dos conhecimentos adquiridos, visto que adequaram as ferramentas contábeis de gestão às necessidades de transparência e de controles internos nas atividades de gestão institucional, na comercialização, assim como, nas atividades produtivas agrícolas e não agrícolas.

Apesar de uma avaliação positiva das experiências contábeis e de gestão percebidas, há outras peculiaridades que ainda podem ser incorporadas pelas associadas, como por exemplo, começar a trabalhar a contabilidade de custos, como mais uma ferramenta gerencial, pois através deste controle as mulheres poderiam conhecer e registrar distintamente as despesas e os custos de produção, verificar se ocorre algum desperdício nos processos produtivos, além de melhorar os dados para uma correta formação do preço de venda, o que mais a frente possibilitaria a comparabilidade da rentabilidade dos produtos agroecológicos com os produtos advindos da agricultura familiar, mas que ainda não seguem os preceitos da agroecologia, ambos comercializados pelas associadas.

Outro fato importante foi que apesar do baixo capital intelectual existente na região e da prática contábil não ser inerente às atividades cotidianas agrícolas, percebe-se que as agricultoras integrantes da Associação das Mulheres 'Resgatando Sua História', têm interesse em conhecer os dados econômicos e financeiros da instituição, pois estas tem a preocupação em divulgar, entre as associadas, as informações de natureza contábil. Nota-se então que esta Associação vem utilizando a transparência e difusão dessas informações, mantendo um grau de confiança entre as associadas, o que contribui para a diminuição dos índices de insucessos.

Portanto, conclui-se assim, que os sistemas de gestão e a transparência das informações econômicas e financeiras tornam-se importantes ferramentas para a sustentabilidade dos estabelecimentos rurais. Assim, torna-se importante que os agricultores adicionem à sua lógica reprodutiva as informações contábeis, para que através da utilização destes dados os agricultores-gestores venham a tomar decisões no intuito de salvaguardar a continuidade social,

cultural, ambiental, produtiva e econômica dos estabelecimentos rurais, bem como, dos empreendimentos econômicos solidários rurais. Mas, para que isto ocorra é importante que a Ciência Contábil apresente soluções apropriadas à realidade destes usuários da contabilidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. G. de *et al.* Caminhos da inclusão social no Agreste da Paraíba. *Revista Agriculturas: Experiências em Agroecologia*, v. 5, n. 4, p. 18-22, dez/2008

BARBOSA, L. C. B. G. *A Pluriatividade na agroecologia como uma alternativa de desenvolvimento para o ambiente rural*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, 2013.

BRANDENBURG, A. *Agricultura familiar: ONGs e desenvolvimento sustentável*. Curitiba: UFPR, 1999.

CREPALDI, S. A. *Contabilidade Rural: uma abordagem decisória*. 7 ed. rev. e atual. São Paulo: Atlas, 2012.

FARIA, J. H. de; FARIA, J. R. Poder e controle em organizações solidárias. In: PIMENTA, S. M., SARAIVA, L. A. S.; CORRÊA, M. L. (Orgs.). *Terceiro Setor: dilemas e polêmicas*. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 86-116.

FRANÇA FILHO, G. C de. Terceiro setor, Economia Social, Economia Solidária e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais. In: *Bahia análise & Dados*, SEI, nº1, p. 9-19, junho 2002.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010*. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280560&search=sergipe|orto-da-folha>. Acesso em: 07 de novembro de 2013.

LEFF, E. *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MALUF, R. S. Produto agroalimentares, agricultura multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. In: LUIZ, R. J. M.; COSTA, F. de C. (Orgs.). *Mundo rural e cultura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 241-262.

MARION, José Carlos. *Contabilidade Empresarial*. 10ª Ed. Rev. Atualiz. e Mod. Ed. Atlas, São Paulo 2003

OLIVEIRA, N. C. de. *Contabilidade do Agronegócio: teoria e prática*. 2 ed. rev e atual. Curitiba: Juruá, 2011.

ROESLER, D. A. *Racionalidades e práticas administrativas do agricultor familiar no contexto*

ambiental: um estudo em três comunidades rurais no sul da Região Metropolitana de Curitiba – Paraná. Tese de Doutorado. Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná, 2009.

SANTOS, A. C. dos. As contradições da economia de mercado: um olhar sobre a renda da agricultura agroecológica. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia*, v.2, n.3, p. 07-11, out/2005.

WANDERLEY, M. de N. B. A Sociologia Rural na América Latina: produção de conhecimento e compromisso com a sociedade. *ALASRU Nueva Época*, nº 5, Revista. Noviembre, 2010. Disponível em: <[http: https://www.yumpu.com/es/document/view/12983661/alasru-nueva-epoca-no-5-revista-noviembre-2010](https://www.yumpu.com/es/document/view/12983661/alasru-nueva-epoca-no-5-revista-noviembre-2010)>. Acessado em 20/01/16.